

O IMPACTO DA COMUNICAÇÃO ORAL NO PLANEJAMENTO DO ENSINO ESCOLAR¹

²Mariana Pricilia de Assis; Maria Aparecida Gomes Barbosa³

²Graduanda do curso de licenciatura de Geografia (UERN)

³Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PROPED UERJ)

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, marianasonhadora@hotmail.com

³Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, cidaufpeyahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste estudo é trazer à discussão sobre a importância de inserir no planejamento do ensino escolar a prática da linguagem oral dos estudantes universitários em sala de aula, estimulando a serem comunicativos, debatedores de ideias. Parte-se do pressuposto de somos um povo formado à luz da oralidade, como bem defende Ribeiro (2012). Os resultados revelam, que dentro da universidade, sem ultrapassar as suas paredes, em plena era de redes digitais, as interações pedagógicas se resumem a professores determinarem o que vão informar - não mediar o conhecimento -, aos estudantes, em forma de conteúdos disciplinares, cabendo aos estudantes apenas a execução dessas atividades, no formato e de acordo com os autores, estudiosos que também são selecionados pelos professores. Este estudo promove uma reflexão crítica para que seja fomentado no planejamento do ensino na universidade a voz dos estudantes e suas múltiplas formas de expressão, inclusive nas mídias digitais.

Palavras- chave: Cultura oral. Interações Pedagógicas. Planejamento de Ensino.

INTRODUÇÃO

A língua oral desde muito é uma prática sociocultural enraizada na cultura do povo brasileiro, a tarefa do sistema educacional na sociedade contemporânea é, ou no mínimo deveria ser incorporar no planejamento de ensino pedagógico a prática em sala de aula da oralidade comunicativa com os alunos. Mas, nos espaços escolares é pouco disseminada, pois, a cultura científica cartesiana predomina e privilegia tão somente a escrita, o aluno quase não fala no espaço escolar, e quando expõe a oralidade é pelo motivo do professor ter feito uma pergunta apontando o dedo em direção a ele, porém, esse método mecanicista do professorado não é eficaz, pois, bloqueia a atitude do aluno, pelo fato da resposta do educando ocorrer não de forma espontânea, mas exigida, então, é imprescindível conquistar o aluno para falar de forma autônoma estimulando a ser um sujeito com habilidades sócio interacionista comunicativo.

Amor (2001), ressalta que a oralidade é uma zona de aprendizagem da língua, mas, tem sido quase inexistente nas práticas de observação e avaliação formativa na aprendizagem.

O educador deve motivar o aluno na prática da oralidade, possibilitando-os a interagir em diferentes situações nos ambientes sociais. A prática pedagógica tem que estimular aos sujeitos aprendentes a expressarem oralmente seu próprio ponto de vista em relação aos conteúdos em sala

¹ Este presente trabalho é o resultado da disciplina Didática, inserida no componente curricular do curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), CAMEM

de aula, e a interagirem em outros espaços sociais; expondo duas ideias, narrando suas experiências, com constante diálogo sobre os saberes adquiridos na prática sociocultural, que os fazem a terem um conceito de mundo crucial para o aprendizado do ensino formal, fomentando-os a terem competências comunicativas a pouca inserção na linguagem conotativa dos alunos na sala de aula.

O objetivo deste estudo é analisar o impacto da comunicação oral na mobilização em sala de aula.

Albuquerque (2006), ressalta que, no ensino mais tradicional, a oralidade estava claramente subordinada a escrita, as tarefas de atividades eram preestabelecidas com atividades orais de leituras de texto em voz alta, com recurso de memorização, recitação de poemas, que nos revela que oral mantinha um aspecto convencional e normativo nas atividades escolares, não advinha situações espontâneas ou semeadas de comunicação, reduzindo uma verbalização da escrita.

REVISÃO DE LITERATURA

Este estudo prossegue de uma pesquisa bibliográfica que estuda o tema abordado, que segundo Minayo (2001), em que fundamenta o diálogo crítico reflexivo com correntes de teóricos que estudam o tema abordado.

A base teórica constituiu através de Albuquerque (2002), cuja obra: Em busca do sentido perdido, Amor (2001), Minayo (2001), Pesquisa social, teoria, métodos e criatividade, Senna (2009), Processo educacionais, (2003), Extensão ou comunicação, Ribeiro (2012).

1. A COMUNICAÇÃO ORAL NA PRÁXIS DE ENSINO

A interação comunicativa oral é a forma que os grupos sociais inseridos em uma cultura exercem a prática da interação social no dia-a-dia, expressam-se através de signos simbólicos para transmitirem informações, os caracterizando e construindo a sua própria identidade. Assim, a linguagem comunicativa é imprescindível no processo de aprendizagem do educando, pois, a fala é um instrumento importante, em que ao educador usar para expor determinado conteúdo, conseqüentemente o modo de expressar-se oralmente, contribui para a compreensão do assunto exposto aos alunos, e ao educando expor o seu ponto de vista contribui para a interação no espaço escolar, afetando qualitativamente o curso da aprendizagem. Mas essas práticas são pouco disseminadas no ambiente educacional. Segundo Senna (2003):

[...] Aliado a esta resistência à incorporação da cultura européia, persiste no brasileiro a herança de que sua identidade cultural ocupa uma posição inferior perante o primeiro mundo e, na escola, ainda se busca mascarar o estigma de ser um povo subalterno. Assim, ocorre que a escola permanece, ela própria, preenchendo um espaço ambíguo na sociedade, no mesmo entre lugar que o povo brasileiro sempre esteve desde o século XVI, formando imitações de homens civilizados, que não querem jamais perder seus traços de homens civilizados à brasileira. Parecer ser um homem urbano preparado para o trabalho sempre foi mais importante para o brasileiro comum, do que ser um homem urbano que vive e pensa na vida como um labor. Parecer ser um homem que opera com o mundo abstrato dos conceitos científicos normalmente nas provas e exames escolares. Sempre foi mais relevante do que incorporar o modelo científico de pensamento para planejar e estruturar seu futuro, porque, no Brasil, como bem sabemos no futuro, dá-se um jeito. E se não houver um futuro? Mais um motivo para vivermos intensamente o presente (SENNÁ, 2003, p.18).

A comunicação argumentativa utilizada com a oralidade como uma alternativa pedagógica fomenta o estímulo dos alunos; que são provenientes de uma identidade de prática oral, mas, ousamos em questionarmos se está sendo fomentada na docência universitária/escola? É comum nos espaços educativos pouco ser inserido a comunicação oral dos sujeitos aprendentes, fato esse que culmina em serem carentes de mobilizar a própria identidade cultural nestes ambientes educacionais, e conseqüentemente não são eles mesmos, pois para sobreviverem ao sistema educacional, se transveste de sujeito cartesiano; não opinam, tão pouco questiona o assunto exposto pelo professor, afetando drasticamente o processo de aprendizagem e a autonomia do aluno, então, algumas instituições insiste em formar sujeitos passivos.

Senna (2003), nos esclarece que educar é um ato de vida social, os atos formais de ensino são decorrentes da vida social. Mesmo a educação formal, quando não orientada em sintonia com as perspectivas de vida social, manifesta constantemente ações de educação incidental. Cada sujeito social é responsável por si próprio e, conseqüentemente, pelo outro que o torna verdadeiramente uma pessoa, não cabe supor a existência de atos de educação informal inconscientes, pois cada ato que repercute sobre o outro é, incondicionalmente, resultado de uma atitude consciente. A percepção dos jovens e crianças acerca do que a escola pode oferecer e o seu papel em suas vidas é cada vez mais opaca, que se limita muitas vezes a satisfação de um ato social que habita do mercado de trabalho ou em exames de vestibulares. Mas, esquece-se em formar mentes críticas reflexivas, estimulando a arte de pensar, ser um indivíduo proativo.

Os estudantes universitários do Alto Oeste Potiguar, na qual afere-se a predominância da oralidade comunicativa, uma vez que o número de analfabetos é alto, tem este traço da cultura pouco considerada, pois todo o processo avaliativo, embora no planejamento de ensino a avaliação

conste como “processual”, ela acontece em determinado dia e conteúdos pré-estabelecidos. E as respostas consideradas certas e que vão para as notas, são aquelas oriundas da escrita padrão de textos memorizados com este único fim, isto é, fazer uma prova. O que nos chama a atenção é que a prática de oralidade é disseminada desde da primeira educação considerada a informal, em que o sujeito aprende interagindo com a cultura local, partilhando signos linguísticos e interagindo comunicativamente com grupos sociais. Mas, a lacuna evidenciada no sistema de ensino, é a exclusão de inserir na participação em sala de aula os argumentos dos educandos, resultando de não se sentirem importante na transmissão do conhecimento pelo professor.

Os estudantes universitários tonam-se invisíveis no ambiente acadêmico, pois pouco refuta o que o docente fala, a sua presença se tornou limitada nas avaliações acadêmicas, pois, ainda prevalece em plena cultura digital, o *modus operandi* tradicional de avaliar o desempenho dos sujeitos, com provas conteúdista, prevalecendo a escrita textual padrão, com textos formais, distanciando das narrativas vivenciadas de modo informal pelos alunos, tornando o processo de aprendizagem para o aluno, em algo frustrado, e ao questionamento; O porquê que estou escrevendo isto?, Só fazem pelo professor ter solicitado, desestimulando os mesmos. O resultado do produto final, é o discurso “esses alunos não sabem escrever”, em contrapartida, os estudantes analisam que o conhecimento ensinado não é útil na sua vida cotidiana, é importante salientarmos que a escrita é desenvolvida levando-se em conta fatores externos: social, cultural, político e econômico, que não poderiam ser ignorados quando o professor corrige o erro da escrita dos estudantes. As consequências das práticas que não levam em conta a importância da comunicação oral nas práticas pedagógicas é que...

A imensa maioria das escolas tornou-se o lugar da frustração, onde professores e alunos amargam dia a dia uma profunda sensação de fracasso, que melhor se traduziria como perplexidade perante as antagônicas vozes que os julgam do lado de fora da escola. Se lhes faltam os conteúdos programáticos tradicionalmente arrolados na cultura escolar, são apenados por nada saberem. Se lhes abundam os tais conteúdos, são igualmente apenados por não saberem o que deles fazer na vida em sociedade. Se adotam os valores sociais arrolados no convívio escolar, são destroçados pela selvagem trama de valores que vigora nas ruas. Se não os adotam, são chamados de selvagens, anticivilizados. (SENNA, 2009, p. 16).

Na era da tecnologia digital os jovens se deparam com situações que o introduzem no momento situacional do contexto social, predominando o hipertexto, que inclui vídeos informativos, imagens virtuais, a possibilidade de navegarem constantemente, então, essa linguagem comunicativa o professor tem que dominar, para disponibilizar aos seus alunos um ensino que se

adeque a necessidade do perfil de estudante contemporâneo, caso contrário continuarão a serem desestimulados a aprenderem os conteúdos disciplinares, pois, clamam para serem ouvidos no ambiente acadêmico.

A comunicação coletiva advinda das tecnologias hipertextuais desperta em uma nova forma de escrita, o uso da linguagem através dos gêneros digitais: comunicação entre duas pessoas, a vida dos indivíduos vem sofrendo significativas mudanças; as imagens e símbolos que transmitem de quem fala, o que o outro está sentindo, há novas formas de apresentar a língua oral através dos meios comunicativos virtuais, escrita e a oral, qual a que predomina na docência universitária?

Interação social seja ela face a face ou por via das tecnologias digitais promove o desenvolvimento cultural, social e cognitivo. O desafio encontrado na docência universitária, é formar sujeitos que utilize dessas ferramentas e sejam críticos, que mobilizem para o aprendizado, tornando o ensino melhor. Todo o dinamismo da tecnologia da informação, não surgiu apenas para facilitar o curso do aprendizado, mas para que os indivíduos incorporassem práticas sociais, na nova forma de se deixar educar na sociedade contemporânea, através dos recursos que estão disponíveis no seu meio social.

CONCLUSÃO

É irrefutável que as tecnologias digitais transformam substancialmente o aspecto sombrio da instituição escolar, incluindo aí a universidade. As tecnologias reformulam o conceito de espaço de aprendizagem, pois aprende-se em qualquer lugar a qualquer hora, sozinho ou em grupo, reunidos virtualmente, no ciberespaço. Os horários para a aprendizagem não são mais seccionados, pois os estudantes podem estudar horas a fio, e ao mesmo tempo, assistir à televisão, ouvir a uma música, conversar com amigos nas redes sociais. É, estamos falando do estudante contemporâneo, do sujeito conectado, multifocado.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, **Em busca do sentido perdido**: Para uma didática possível da oralidade in: AZEVEDO, Fernando. **Língua Materna e Literatura Infantil**: Elementos Nucleares para professores do ensino Básico. Lisboa, LIDEL, edições técnicas, lda, 2006.
- AMOR, Emília. **Didáctica do Português** - Fundamentos e Metodologias, 2ª ed., Lisboa, Texto Editora, 2001.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SENNA, L. A. G. **Processos educacionais**: os lugares da educação na sociedade contemporâneos. Cap. I. In: Letramento: Princípios e Processos. Curitiba: IBPEX, 2009.

SENNA, L. A. G. **Extensão ou comunicação?** 2003. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/110711ProcessosEducacionais.pdf>>. Acesso em 06.ago.2016.

RIBEIRO, M.R. **Educação em direitos humanos e diversidade**. Diálogo interdisciplinar. Maceió: EDUFAL, 2012.